

Reconciliação como missão de Deus

Igreja como comunhão reconciliante *

Jacques Matthey**

Resumo: Este texto, escrito em preparação à Conferência Mundial de Missão e Evangelização ocorrida em maio de 2005, reflete sobre a igreja como comunhão de reconciliação. Trata da relação entre missão e unidade, por um lado, e testemunho e diálogo, por outro, pois existe uma tensão contínua entre estas que dificulta, ao mesmo tempo em que pode instigar, o testemunho reconciliador da igreja. Lembra-se que não há missão responsável sem diálogo, nem evangelização que não seja profética, baseada na cruz e ressurreição de Cristo. Os carismas testemunham a presença reconciliadora do crucificado, sendo o maior dom do Espírito o amor – ágape.

Resumen: Este texto, escrito en preparación a la Conferencia Mundial de Misión y Evangelización ocurrida en mayo del 2005, reflexiona sobre la iglesia como comunión de reconciliación. Trata de la relación entre misión y unidad, por un lado, y testimonio y diálogo por otro, pues existe una tensión continua entre éstas que dificulta, al mismo tiempo en que puede instigar, el testimonio reconciliador de la iglesia. Se recuerda que no hay misión responsable sin diálogo, ni evangelización que no sea profética, basada en la cruz y resurrección de Cristo. Los carismas dan prueba de la presencia reconciliadora del crucificado, siendo el mayor don del Espíritu el amor – ágape.

Abstract: Written in preparation for the Conference on World Mission and Evangelism held in May 2005, in Athens, this text reflects on the church as a communion of reconciliation. It deals with the relation between mission and unity, on the one hand, and witness and dialogue, on the other. The continuous tension between these elements can both hinder and foster the reconciling witness of the church. The author reminds us that there can be no responsible mission without dialogue, nor evangelism that is not prophetic, based on the cross and resurrection of Christ. The charismata witness to the reconciling presence of the crucified, the greatest spiritual gift being love – agape.

* Publicação original: Versöhnung als Gottes Mission – Kirche als versöhnende Gemeinschaft. Ökumenische Rundschau, outubro de 2004. Tradução de Harald Malschitzky.

** Jacques Matthey é pastor e coordenador de programa de Missão e Evangelização no Conselho Mundial de Igrejas.

“Vem, Espírito Santo, cura e reconcilia! – Vocacionadas em Cristo para serem comunidades que reconciliam e curam”. Num resumo muito curto este duplo tema para a Conferência Mundial de Missão, que se realizará em Atenas, revela uma compreensão contemporânea da *missio Dei* e do papel da Igreja Cristã no Projeto de Deus para o mundo. Ainda que não se trate de uma expressão indiscutível em nossos tempos, *missio Dei* no momento é a formulação mais precisa para sinalizar o marco que identidade e obra de Deus oferecem à existência humana.

A prece ao Espírito Santo é simultaneamente uma confissão de que reconciliação e cura, no sentido amplo, não são alcançáveis por nós por força própria. Elas são dádivas do Deus misericordioso. *Missio Dei* é um conceito teológico que se desvela justamente quando cristãos e igrejas se dão conta da crise do próprio agir e viver. Só então nós poderemos confessar novamente de maneira libertadora que a nossa salvação bem como a do mundo não pesa sobre os nossos ombros, mas está na mão e na providência de Deus¹. A prece é também expressão de nossa participação no desejo de toda a criação de uma paz autêntica e de vida em abundância (Rm 8), um grito cúltico por reconciliação e cura.

Ao mesmo tempo reconhecemos, porém, que nós seres humanos e igrejas temos uma missão própria insubstituível na *missio Dei*, a saber, criar comunidades, multiplicar e reformá-las constantemente, para que sejam lugares do testemunho da missão de Deus salvadora (*hic et nunc*), que oferecem espaço para sinais, sacramentos e processos de reconciliação, no qual seres humanos experimentam dignidade, amor e reconhecimento bem como desafios, descobrindo assim a fé ou a fortalecendo. Esta relação entre missão de Deus universal e a tarefa específica da igreja me parece, neste momento, a formulação mais exata de uma estratégia ecumênica de missão. Ela deverá ser explicitada, nesta contribuição, em dois pontos centrais: Missão e Unidade, Testemunho e Diálogo.

Antes, porém, me deterei brevemente em alguns detalhes daquilo que vem a ser reconciliação. Reconciliação é um conceito que na teologia da missão do século XX não tinha nenhum papel importante, exceção feita à última década², e neste caso muitas vezes como formulação alternativa

1 Um bom resumo da discussão mais recente sobre *missio Dei* pode ser encontrado em: *Missio Dei heute. Zur Aktualität eines missionstheologischen Schlüsselbegriffs. Weltmission heute*. Hamburgo: EMW, n. 52, 2003.

2 Isso pode ser demonstrado nos temas de duas “summas” missiológicas atuais: Reconciliação não é tema central em BOSCH, D. (Transforming Mission. Paradigm Shifts in Theologie of Mission. Maryknoll/NY: Orbis, 1991 [Missão transformadora: mudança de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2002. 690 p.]), mas se encontra em lugar de

para justiça, paz e preservação da criação. Na Bíblia o conceito aparece raramente, mais nos escritos paulinos, que justamente na missiologia ecumênica, por via de regra, não ocupavam lugar de destaque. Segundo Paulo, a reconciliação é obra e oferta de Deus, que implica uma resposta humana: “Deixai-vos reconciliar com Deus” (2 Co 5). Falar de reconciliação sugere uma compreensão crítica da relação entre o ser humano e Deus. Aqui Paulo se diferencia totalmente do tempo pós-moderno, no qual se parte, quase que inconscientemente, do pressuposto de que, no fundo, todos os seres humanos, exceção feita a casos muito especiais, têm uma relação autêntica com Deus ou a podem estabelecer sem dificuldades. Tudo pode e deve ser criticado na sociedade, na economia e na política, mas não a relação dos seres humanos com seu Deus, especialmente se estes forem adeptos de outras religiões. Uma crítica missiológica da religião não tem espaço no ecumenismo pós-colonial. Faz parte dos “pecados” imperdoáveis da missão ela se ter arriscado a examinar concepções e sistemas religiosos individuais ou de grupos, partindo de uma determinada compreensão da mensagem bíblica³. O fato de missão seguir a senda da reconciliação poderia ser interpretado erroneamente no sentido de que qualquer crítica de parte da missão cristã em relação a manifestações individuais ou comunitárias de espiritualidade deva ser deixada de lado, a menos que estas manifestações estejam contribuindo para a injustiça (globalização) e a violência.

Do ponto de vista do Novo Testamento o serviço da reconciliação é, sobretudo, a comunicação da mensagem do estabelecimento de paz entre Deus e a humanidade, respectivamente a criação, acontecido na morte de Cristo, comunicação também em forma de apelo, no sentido de transformar esta mensagem em fundamento para a própria vida. Em Paulo o serviço da reconciliação por via de regra é relacionado ao conceito grego *parakalein*, isto é, a consolar, desafiar, encorajar, pedir por ajuda e outros mais. Estes são conceitos centrais da prática missionária e pastoral fundamentada carismaticamente, bem como parte de sua compreensão de profecia (1 Co 14.3, 3). *Parakalein* é instrumento para a construção da comuni-

destaque no *Pendant* deste ano de Bevens e Schroeder (BEVANS, S. B.; SCHROEDER, R. Constants in Context. A Theology of Mission for Today. Maryknoll/NY: Orbis, 2004). Cf. também a obra recentemente publicada, *Leitfaden Ökumenischer Missionstheologie*, na qual tanto reconciliação como cura têm o seu lugar. O tema da cura como nova ênfase na missiologia, em meu artigo, é mencionado apenas à margem, uma vez que ele é tratado especificamente em outras contribuições dessa revista.

³ É fato que isso aconteceu por demais com um imperialismo cultural e ainda acontece, o que na missiologia ecumênica não é omitido, mas sim, questionado até a raiz. É por isso que tomo a liberdade de uma formulação um tanto polêmica.

dade escatológica agape, “ícone” missionário de uma humanidade reconciliada. A igualdade de todos os seres humanos diante de Deus anunciada por este, independente de sua identidade coletiva, precisa concretizar-se na igreja como unidade em amor e respeito, unidade em diversidade, aliada à tolerância (também em questões teológicas fundamentais), ao reconhecimento mútuo e à hospitalidade. A paz dada por Deus proíbe soberbia individual ou coletiva – por mais bem fundamentada teologicamente que esteja. A comunidade reconciliada vincula uma mensagem de bênção com uma postura pacificadora, tanto nas relações internas como nas externas. Rm 12-15, junto com 1 Ts 5 e 1 Co 12-14, descrevem um quadro fiel da comunidade carismática agape desejada por Paulo. No inglês se introduziu recentemente o bonito conceito *missional church*, infelizmente intraduzível⁴.

Nos escritos deutero-paulinos o significado de reconciliação é estendido conseqüentemente a toda realidade: ele possibilita novas relações em todos os níveis. Ainda assim, a terminologia da reconciliação não é empregada para a ação humana, e a ênfase da missão pós-paulina está no testemunho da comunidade, na qual o espírito de Deus dá e exige unidade, paz e amor. O serviço da reconciliação está irremediavelmente vinculado à criação, à multiplicação e à constante renovação da comunidade carismática.

Reconciliação somente pode ser dada por Deus. Dado o fato de a missão de Deus incluir toda a humanidade e criação, diferentes pessoas e movimentos são “chamados” a servir à justiça, à paz e à conservação da criação e estão agindo neste sentido. Processos sociais de reconciliação são imprescindíveis, porque eles apontam à cura necessária das feridas, à memória e às identidades que se fazem necessárias caso se queira construir paz como sinal no sentido de shalom. Experiências com processos de reconciliação têm sido relatadas recentemente de forma magistral⁵. Onde quer

4 Cf. o resumo de Reconciliação no Novo Testamento: SCHÄFER, K. *Konflikte und Versöhnung*. In: SCHÄFER, K. *Anstoss Mission. Impulse aus der Missionstheologie*. Frankfurt/M: Lembeck, 2003. p. 66-85. Cf. também WCC Conference on World Mission and Evangelism. Conference preparatory paper Nr. 4, Statement on Mission as Reconciliation, WCC, 2004. Disponível em: <<http://www.mission2005.org>>. Explanei minha própria posição em: MATTHEY, J. Reconciliation, *missio Dei* and the Church's Mission. In: MELLOR, H.; YATES, T. (Eds.). *Mission – Violence and Reconciliation*. Sheffield: Cliff College Publishing, 2004. p. 113-137. Em relação à *missional church* cf. GUDER, D. L. (Ed.). *Missional Church. A Vision for the Sending of the Church in North America*. Grand Rapids/MI and Cambridge/UK, 1998.

5 Cf. especialmente a obra completa de SCHREITER, R. et al. In: MELLOR; YATES, 2004, *The Theology of Reconciliation and Peacemaking for Mission*, p. 11-28; *The Spirituality of Reconciliation and Peacemaking in Mission Today*, p. 29-43; *Preparing Missionaries to be Agents of Reconciliation and Peacemaking*, p. 45-59. O documento preparatório publicado pelo Conselho Mundial de Igrejas para a Conferência de Missão em Atenas, sobre a relação entre missão e reconciliação, também oferece uma introdução fundamental à problemática (cf. nota 4).

que cristãos se empenhem neste sentido, eles sempre farão jus ao serviço pela paz (Rm 12; 1 Ts 5).

1 - A relação entre missão e unidade

Unidade está indissolúvelmente vinculada à missão (Jo 17.20). Unidade é dada em e por Cristo, concretizada escatologicamente. Mas unidade é também característica da existência da Igreja no ínterim entre a exaltação de Cristo e o fim da história. Isso significa que em todos os níveis da vida eclesial, respectivamente missionária, unidade precisa ser concretizada e experimentada. Tomando emprestado o modelo da tradição do movimento ecumênico, é preciso alcançar unidade nas quatro áreas, "Fé e Ordem", "Movimento para o Cristianismo Prático" (hoje Justiça, Paz e Criação), "Missão Mundial e Evangelização" e "Educação e Formação Teológica"⁶. Em uma época em que cristãos engajados ecumenicamente falam sempre mais do mandato de reconciliação e chamam a atenção ao fato de que tradição e espiritualidade cristãs são elementos importantes para a formação de uma cultura para diminuir a violência, o empenho pela unidade da igreja tem um significado como talvez nunca tenha tido. Progressos decisivos na busca de unidade entre as igrejas são a *conditio sine qua non* para que nós cristãos possamos nos posicionar com coerência nas realidades de conflito na sociedade.

Se não formos capazes, pessoal e institucionalmente, de sair da crise do avançado "inverno ecumênico", devemos abster-nos de dar conselhos a outras pessoas e grupos sobre uma solução pacífica de conflitos e em favor de uma convivência pacífica e solidária. Reconciliação é mais do que uma coexistência de tolerância recíproca mínima. Reconciliação provoca paz e nova qualidade de relacionamento, *shalom*. Se missão, em sua essência, é serviço de reconciliação e cura, então o empenho por uma unidade cristã e eclesial é uma espécie de pré-requisito para uma missão socialmente relevante.

Entretanto, não se deve esquecer que missão pode se tornar um forte pomo de discórdia no empenho pela unidade. Sem missão não existiria igreja, mas é certo também que não existiriam igrejas diferentes. Missão atra-

⁶ Já em 1910, os conselhos de missão protestantes reconheceram que, sem uma busca pela unidade, não poderia haver uma missão autêntica. A Conferência Mundial de Missão de Edimburgo em geral é reconhecida como o marco do movimento ecumênico do século XX. O Conselho Internacional de Missão foi uma primeira tentativa de uma estrutura de cooperação de distintas organizações missionárias (na época, todas protestantes).

palha, porque ela é o princípio de irradiação do evangelho, a dinâmica de vida cristã para “fora”, no movimento do Deus trinitário que se desvela. O caráter de envio da vida cristã e da [própria] igreja traz no seu bojo o imperativo da constante reinterpretação do evangelho, do ethos de vida cristã, da forma de comunhão eclesial em cada novo contexto cultural, religioso, social e econômico. Por causa dessa dinâmica que ultrapassa fronteiras, surgem constantemente novas formas de inculturação do cristianismo. Estas amiúde criam tensões à compreensão e à prática das igrejas já existentes, e são encaradas muitas vezes na história (e no presente) como movimentos que põem em risco a unidade, às vezes até como seitas ou heresias sincretistas⁷. Isso vale da mesma forma para movimentos de renovação e despertamento, que incorporam uma espécie de “missão para dentro”, porque eles enfocam ou validam de forma nova certos aspectos do evangelho, possibilitando, por vezes, novos tipos de inculturação da mensagem nas tradições e igrejas existentes.

Assim se coloca a tarefa de manter juntas, em uma tensão construtiva, a exigência bíblica por unidade e o desafio à missão, em um contexto de sociedades multireligiosas e multiculturais.

Do ponto de vista da missiologia, não há como estabelecer uma compreensão de unidade ou de modelo de unidade como sendo o único apostólico (i. e. missionário) defensável. No entanto, é possível formular algumas diretrizes que são fundamentais para o ser igreja apostólico e para promover o surgimento de comunidades reconciliadoras. A lista aqui formulada não reclama ser completa e não obedece a uma ordem de prioridades.

1.1 - Unidade espiritual

Unidade cristã está embasada na morte de Cristo na cruz, que reconciliou os seres humanos com Deus e entre si, em forma de uma comunhão que se constitui de identidades totalmente diferentes (culturas, etnias e raças). Esta “nova criação” vive da condição de que ritos cultural-religiosos fundantes de identidade, leis e tradições foram tornados sem efeito soteriologicamente. Identidades humanas têm, desde Cristo, apenas um valor penúltimo, não mais um significado escatológico. O gesto do amor de

⁷ Já no primeiro século, missão podia ser encarada como um “perigo” para as comunidades existentes, um desafio à unidade. A relação não isenta de conflitos entre Pedro e Tiago, bem como a tensão entre as comunidades de Jerusalém e Antioquia, são prova disso. Por exemplo, as comunidades que tinham surgido nos círculos joaninos tiveram que lutar por reconhecimento (Jo 21). Paulo lutou durante toda a sua vida tanto pela liberdade de pregação do evangelho, quanto pela unidade e, de acordo com o livro de Atos, sacrificou sua vida por isso.

Deus, gerador de unidade, é perceptível no Espírito Santo, transformando-se em realidade para a existência de hoje (Rm 5.8). Unidade está embasada, sobretudo, na experiência conjunta de ter sido agraciado pelo Espírito. A fim de que a Igreja possa exercer sua missão de maneira fidedigna, ela precisa de pessoas que fizeram concretamente esta experiência do Espírito e que por isso se reconhecem reciprocamente como irmãos e irmãs, porque em suas vidas a pessoa de Cristo se tornou determinante (1 Co 12.3). Uma igreja que se sabe enviada vive de uma mensagem clara. Reconciliação e cura, portanto, têm a ver com a morte de Cristo na cruz e a experiência do Espírito, no marco da dinâmica do Reino de Deus.

1.2 - Unidade em diversidade

Em uma missiologia ecumênica a unidade só é imaginável como unidade na diversidade. Qualquer outra teoria e prática terminam em imperalismo, inquisição e em “cruzadas”. Entrementes, isso é reconhecido ao menos teoricamente na maioria dos modelos de unidade, ainda que em matizes diferenciados, mormente confessionais. Como missão gera necessariamente e sempre nova diversidade eclesial, ela precisa certificar-se de que a riqueza da diversidade, qualquer que seja sua forma ou estrutura, respeita a unidade. Há mais tempo estudiosos do Novo Testamento têm mostrado como esta dinâmica da diversidade na unidade é uma forma específica de ser de Deus, representando especialmente a policy do Espírito Santo⁸.

O reconhecimento da diversidade precisa ser aplicado hoje no diálogo missiológico/teológico também na forma de experimentar este um Espírito. Não podemos engessar o Espírito nem no sacramento e nem na palavra, nem no ministério, nem na estrutura eclesiástica, nem na experiência religiosa, nem em uma determinada forma ou experiência de batismo. Da mesma maneira, nenhuma forma testemunhada bíblicamente pode ser eliminada em princípio.

A pergunta pelo jeito de como unidade pode ser vivida na diversidade se faz exemplarmente às igrejas de migração, que quase todas se entendem como igrejas missionárias (Missão do Sul para o Norte). Um reconhecimento autêntico dessas igrejas e de seus pastores e pastoras quase sempre

8 Cf., entre outros, CULLMANN, O. *Einheit durch Vielfalt. Grundlegung und Beitrag zur Diskussion über die Möglichkeiten ihrer Verwirklichung*. Tübingen: Mohr, 1986, e *Les Voies de l'Unité chrétienne*. Paris: Cerf, 1992, bem como muitas interpretações de Atos 2. Mais recentemente, alguns acadêmicos de círculos pentecostais, como Amos Yong, começaram a expandir as consequências da ação pneumatológica destas características também às relações inter-religiosas.

carismáticos e sem a “bênção universitária”, pelas igrejas do Norte que em outros tempos foram as enviadas, possivelmente seria um passo importante no caminho da reconciliação com aquelas pessoas da África, Ásia e América Latina, que são gratas pelo evangelho que lhes foi trazido pela missão mundial, mas que ainda sofrem com a maneira como ele lhes foi trazido em diversos casos.

1.3 - Liberdade para o testemunho e conversão pessoal

A missão vive da liberdade de testemunhar o evangelho em palavra e ação. Isso significa que se concede aos seres humanos a liberdade de trilhar novos caminhos em sua peregrinação religiosa, dentro ou fora de sua comunidade religiosa ou cultural herdada. A liberdade de missão e de mudança de religião normalmente é tratada como questão de direitos humanos. Aqui elas devem ser apresentadas como condição da missiologia para a compreensão de unidade. Conceitos de unidade que tentam tolher movimentos autênticos de renovação e evangelização, dentro e fora da igreja, não podem ser aceitos missiologicamente. Amor por e respeito diante das igrejas constituídas devem levar a um relacionamento respeitoso e diálogo com estas, não para uma subjugação positiva e nem para uma postura de um “silêncio profético”. O Espírito leva a novas experiências com a mensagem (Jo 16.13s.) que, ainda que nem sempre tenham a bênção episcopal ou sinodal, podem trazer bons frutos de missão.

A tensão entre respeito pela igreja local, suas estruturas de unidade e a liberdade missionária precisa ser solucionada em diálogo construtivo e não decidida de forma dogmática a partir de um centro. Não existe uma compreensão bíblica fundamentada de um episcopado territorial no sentido de uma determinada área ter sido entregue por Deus a uma só igreja, que teria a responsabilidade espiritual. Inclusive o apóstolo Paulo que, em atitude louvável, sempre se engajou no sentido de não atuar em lugares onde outros já tinham pregado o evangelho (Rm 15.20), aceitava, ainda que com alguma resistência, que outras pessoas estivessem pregando o evangelho em “sua” área com motivações não muito claras (Fp 1.15-18). Nós não deveríamos ser mais paulinos do que Paulo.

Isso não deveria ser mal entendido como defesa de uma atividade missionária desrespeitosa. Trata-se de mostrar que unidade e reconciliação não podem ser conseguidas à revelia de um testemunho crítico. A tensão entre os dois atributos da igreja, unidade e apostolicidade deve ser mantida e frutificar.

1.4 - Qualidade da comunidade-agape

Na discussão mais recente em torno da unidade o conceito de koinonia foi colocado sempre mais em evidência. No entanto, do ponto de vista teológico-missiológico, é a qualidade da comunhão vivida que tem um papel decisivo⁹. Na passagem da primeira para a segunda geração da Igreja Primitiva, a ênfase das prioridades missionárias se desloca de um grupo de apóstolos itinerantes para irradiação das comunidades e o testemunho dos cristãos individuais. Com isso também o vocabulário missionário muda¹⁰. Ágape se transforma no conceito-chave para missão e unidade (Rm 12; 1 Co 13). A igreja precisa mostrar em seu estilo de vida a mesma postura que estava “em Cristo” (Fp 2). Koinonia é a matriz do testemunho de uma agremiação “missional”, também entre igrejas (2 Co 8 e 9). Isso só é possível se as identidades cultural-religiosas individuais – por melhor que estejam fundamentadas teologicamente – forem relativizadas em favor de uma convivência em respeito recíproco. Isso, porém, exige uma conversão tanto de indivíduos como de grupos no sentido de uma despedida do orgulho em favor de humildade¹¹.

Através de todo o Novo Testamento ecoa a conclamação para formar a comunidade cristã de forma tal que os menores, mais fracos, pobres e doentes tenham prioridade. Alcançar isso é serviço de reconciliação e de cura, porque aqueles que foram machucados por processos sociais ou religiosos agora encontram um lugar seguro na comunidade de Cristo, onde são ouvidos e lhes é conferida dignidade (Mt 25; Mt 18; Rm 12-15 e outros). Unidade, koinonia não será concretizada sem formas concretas de respeito por aqueles que foram menosprezados e feridos por igrejas e missão. Que uma justiça restaurativa [restorative justice] dessa natureza tem tam-

⁹ Koinonia transformou-se em um conceito central na discussão ecumênica da eclesiologia mais recente. Cf. ENNS, F. *Friedenskirche in der Ökumene. Mennonitische Wurzeln einer Ethik der Gewaltfreiheit*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 2003, Kap. I *Ekklesiologie im Horizont der Ökumene*, especialmente as páginas 81ss. Cf. também os novos documentos de estudo *The nature and mission of the church – A stage on the way to a common statement*. Genebra: WCC, 2004, documento revisado n. 181 de Fé e Ordem (ainda não publicado).

¹⁰ No Novo Testamento, a maioria dos termos “técnicos” para evangelização e anúncio (euaggelizesthai, kersusein, etc.) é empregada quase que exclusivamente para o próprio Jesus (na fonte Q e na obra de Lucas) e para a geração dos apóstolos (nos escritos paulinos). Ali onde se fala da responsabilidade dos novos cristãos e comunidades, eles praticamente não aparecem.

¹¹ Cf. os princípios éticos básicos da existência cristã destacados por THEISSEN, G. In: *Die Religion der ersten Christen – Eine Theorie des Urchristentums*. Gütersloh: Kaiser, 2000. p. 101-167 (Parágrafo 4: *Die beiden Grundwerte urchristlichen Ethos: Nächstenliebe und Statusverzicht*. [Os dois valores básicos do etos cristão: amor ao próximo e desistência de status]).

bém dimensões materiais, fica evidente em Atos 2 e 4, assim como em 2 Co 8-9. Quando veremos ofertas para missão e desenvolvimento de comunidades, por exemplo, da Igreja Católica para comunidades pentecostais na América Latina e de igrejas neo-carismáticas da África Ocidental para a Igreja Ortodoxa na Rússia¹²?

1.5 - Testemunho comum [common witness]

O testemunho comum é a pedra de toque do ecumenismo em questões de missão. É bem mais rara, mormente, uma evangelização conjunta do que projetos sociais comuns ou o empenho político por justiça, paz e preservação da natureza. Não é em todos os lugares que igrejas estão dispostas a pregar o evangelho conjuntamente em público, a desafiar pessoas a se ocuparem pessoalmente com Cristo, deixando, porém, estas pessoas totalmente livres para escolherem aquela igreja que mais condiz com os seus anseios e a sua compreensão de Deus. Testemunho conjunto deste corte impõe uma tolerância recíproca e reconhecimento em nível de soteriologia e eclesiologia. O que se espera e se exige das igrejas, do ponto de vista missiológico, não é menos do que isso, se elas quiserem se mostrar dignas do serviço da reconciliação.

Na maioria das vezes, na discussão ecumênica, common witness é vinculada à desistência de proselitismo. Com isso se pode concordar (ainda que a definição de proselitismo, no detalhe, seja discutível, como o têm mostrado os diálogos entre o Vaticano e representantes de igrejas pentecostais)¹³. Entretanto, reconciliação não pode significar a desistência de expor à crítica ecumênica igrejas que estão em caminhos equivocados ou que sofrem de rigidez e intransigência. Também não pode significar que movimentos de renovação sejam sufocados em princípio. É importante, em todo caso, que o diálogo em torno de conflitos por proselitismo aconteça com cuidado e paciência, envolvendo todos os parceiros [“algozes” e “vítimas”].

12 Como há anos já fora sugerido por Cullmann; vide acima a nota 8.

13 Cf. Auf dem Weg zu einem gemeinsamen Zeugnis. Ein Aufruf zu verantwortlichen Beziehungen in der Mission und einer Absage an Proselytismus. Genebra: ÖRK, 1977. Nas notas de rodapé se chama atenção a publicações anteriores do CMI e do grupo de diálogo CMI-Vaticano. As posições diferentes, bem como as semelhanças, ficam mais evidentes nos documentos do diálogo bilateral entre o Vaticano e teólogos de tradição pentecostal. Cf. KÄRKKÄINEN, V.-M. Ad ultimum terrae. Evangelization, Proselytism and Common Witness in the Roman Catholic – Pentecostal Dialog (1990-1997). Frankfurt/M: Peter Lang, 1999.

2 - A relação entre testemunho e diálogo das religiões

Se unidade das igrejas é elemento fundamental da “estratégia” de Deus dentro da *missio Dei*, o mesmo não vale necessariamente para a relação com outras religiões. Reconciliação entre as igrejas é um passo importante em direção de sua unidade visível como corporificação de Cristo na história. Não parece que seja possível extrair da mensagem bíblica um mandamento semelhante no tocante ao relacionamento entre diversas religiões. Unidade da humanidade em sua relação com Deus, ou seja, unidade entre religiões como corporações – se é que pode – só pode ser compreendida escatologicamente, mas somente como uma das muitas possibilidades do “fim religioso” da humanidade. A ambivalência bíblica em relação ao “fim” precisa ser mantida como é, e não pode ser forçada na direção de modelos religioso-teológicos diferentes¹⁴.

Ainda assim é preciso constatar que no Novo Testamento a pessoa do Cristo é que, no “final” das contas, tem um papel decisivo. Se Jesus Cristo, como pessoa histórica, é realmente a encarnação de Deus, parece ser coerente que *koinonia* com Deus dele seja inseparável, independentemente de como isso é entendido. Portanto, também em uma sociedade pluralista há que se fazer uma diferença entre reconciliação entre igrejas e entre religiões. A reconciliação das igrejas deve levar à unidade do Corpo de Cristo concretizável na história. Reconciliação entre as religiões remete à sua possível unidade no “fim”, mas ela precisa manter a sua respectiva independência histórica como contribuição permanente à existência religiosa do ser humano e, assim, como uma possibilidade de dar sentido no âmbito da *missio Dei*¹⁵. Em relação à missão e ao diálogo é necessário que se discirna entre a necessária atuação conjunta e a convivência (tema de *Life and Work* [Vida e Ação]), e o significado teológico (tema de *Faith and Order* [Fé e Ordem]).

Para a temática aqui proposta isso significa que o engajamento conjunto em processos de reconciliação no terreno social, cultural-religioso e

14 Também na soteriologia deveríamos retornar a uma teologia apofática, o que talvez pudesse ser benéfico no diálogo sobre eclesiologia entre cristãos. Cf. MATTHEY, J. *Neutestamentliche Meditation zum Verhältnis von Mission und Dialog, bzw. zur Möglichkeit einer christlichen Theologie der Religionen*. In: DEHN, U.; HOCK, K. (Eds.). *Jenseits der Festungsmauern. Verstehen und Begegnen*. Neuendettelsau: Erlanger Mission, 2003 (FS Olaf Schumann). p. 87-110. Quanto à questão do “fim” religioso da humanidade, acho fascinante a contribuição de HEIM, S. M. *The Depth of the Riches. A Trinitarian Theology of Religious Ends*. Grand Rapids/MI & Cambridge/UK, 2001; aqui falta um embasamento bíblico mais amplo.

15 Cf. a contribuição magistral de Jonathan SACKS do ponto de vista judeu: SACKS, J. *The Dignity of Difference. How to avoid the clash of civilizations*. London/New York: Continuum, 2002.

político, tanto é consequência de uma prática de diálogo, já acontecida com certo êxito, como uma das formas mais urgentes de diálogo. Ainda que seja impossível vislumbrar de forma realista de que maneira, dentro da história, vamos chegar à “paz mundial”, me parece que o empenho por paz entre religiões e, neste sentido, por processos de reconciliação inter-religiosos é uma tarefa de capital importância para a sobrevivência da humanidade. Justamente desde 1989 tem ficado claro mais uma vez até que ponto religiões (inclusive igrejas) se deixaram usar de forma abusiva para acirrar os ânimos nos conflitos políticos, sociais e econômicos. Os contatos estabelecidos há anos, os ensinamentos tirados de diálogo e processos de reconciliação existentes devem contribuir para a solução pacífica de conflitos também entre as religiões. Nestes envolvimento, porém, permanecemos na colaboração em terreno social e ético por um mundo menos violento. Isso não é idêntico com a unidade teológica, institucional ou ritual das religiões.

Trata-se de processos através dos quais se luta em conjunto pela verdade de antigos e novos conflitos e feridas. Trata-se de pedir perdão pela violência antiga e atual, pela injustiça, perseguição e opressão, pelo racismo arraigado. Trata-se de questões de reparação material e/ou simbólica [restorative justice]. Importante é que isso aconteça – onde necessário – de maneira recíproca (portanto não só de parte dos cristãos do Ocidente) e que processos de reconciliação se tornem reais em todos os níveis envolvidos, até a igreja local, a mesquita e a sinagoga. De parte da Igreja, isso não é possível sem uma refletida estratégia de formação ecumênica em assuntos e diálogos inter-religiosos.

Em especial os pecados de missão precisam ser reciprocamente – se aconselhável de parte de todas as religiões – postos a descoberto, mencionados, reconhecidos e reparados em nível contextual aceitável. Uma convivência autêntica, duradoura e pacífica dificilmente pode ser alcançada através da negligência de um elemento central das identidades religiosas envolvidas, sob pena de a reconciliação almejada conseguir se firmar somente em pequenas minorias, mas não entre a maioria dos crentes. Como teólogo de missão, é uma preocupação minha que a ruptura com o imperialismo cristão, que infelizmente ainda é tênue, não pode ter como consequência que cristãos abram mão da missão como tal ou do papel central de Cristo. Pois neste caso eles estariam abrindo mão de sua própria identidade.

3 - Gente em peregrinação: pegadas de uma visão

Como deve ser interpretado, no marco da *missio Dei*, o papel específico da comunidade cristã como corpo de Cristo em contextos

multireligiosos? Isso só pode ser formulado em linguagem simbólica como uma visão: os diversos caminhos humanos de peregrinação religiosa. Sem querer fazer uso abusivo de Paulo para esta visão, sublinho, porém, como ele, na segunda parte de sua vida, teve que se ocupar com o fato de que Israel não havia reconhecido o Cristo. A “realidade estatística” da existência do povo de Israel levou Paulo a emprestar um significado teológico a este fato, como os admiráveis capítulos 9-11 da Epístola aos Romanos o demonstram. De forma semelhante desejo interpretar aqui a constatação estatística de que o cristianismo mudou radicalmente o seu rosto depois de 1910, mas que, apesar de um investimento missionário maciço, sua participação percentual na população mundial não mudou¹⁶. Talvez isso signifique que corporações religiosas têm um papel na *missio Dei* que temos que tentar interpretar. Minha visão parte da leitura de que pessoas, na maioria dentro, mas também fora de associações religiosas, caminham em distintas trilhas de peregrinação (tendo, assim, missões distintas) sob a providência de Deus e em direção ao futuro de Deus. Estes caminhos podem se cruzar, ser parcialmente comuns, ir em direções diferentes ou até ser paralelos. Se no “final” eles chegam ao mesmo destino ou não, isso eu não sei. Minha esperança é que, a exemplo de duas paralelas, eles se encontrem no infinito – no sentido da reconciliação universal.

Nossa missão cristã consiste em peregrinar no nosso caminho, dando testemunho, em palavra e ação, de Deus como *koinonia* trinitária, Pai, Filho e Espírito Santo, através da construção de comunidades que sejam sinais desta *koinonia*; comunidades movidas pelo Espírito, que reconciliam e curam – igrejas de paz. Faz parte da missão que reconcilia aprender de pessoas e comunidades que estão em outros caminhos, tomando a sério o seu testemunho, pois através delas Deus fala a nós e ao mundo e elas têm um papel na *missio Dei*, ainda que não nos seja necessariamente compreensivo. Que isso se concretiza melhor lá onde os caminhos estão juntos ou andam lado a lado por um longo trecho, significa que o testemunho mais autêntico acontece a partir da realidade de diálogo. Neste sentido, missão só pode ser responsável enquanto pratica o diálogo¹⁷.

Isso exige maior precisão. Teólogos de renome como D. Bosch ou St. Bevans/Schroeder, cada um dos quais nos legou uma *summa missionis*,

16 De acordo com a estatística da missão elaborada anualmente por David B. BARRET e Todd M. JOHNSON, no ano de 1900, 34,5% da humanidade eram cristãos, em 2004, 32,9%. Cf. *International Bulletin of Missionary Research*, v. 28, n. 1, p. 25, jan. 2004.

17 Na compreensão ecumênica, evangelização autêntica (no sentido de pregação da palavra e convite à fé) está baseada na convivência solidária e dialógica. Cf. FUNG, R. *The Isaiah Vision. An ecumenical strategy for congregational evangelism*. Genebra: WCC, 1992.

tentaram fazê-lo. Enquanto Bosch fala de *bold humility* em alusão à postura do testemunho cristão, Bevans/Schroeder falam em “diálogo profético”¹⁸. Em princípio, eu consigo concordar com esta concepção de missão em contextos multireligiosos. Ela corresponde ao equilíbrio que encontramos em Cl 4.5-6 com os dois conceitos “graça” (*charis!*) e “sal” ou no resumo de 1 Pe 3.14b-17. Isso também pode ser chamado de “acompanhamento pastoral, evangelização dialógica”, em alusão aos diversos matizes do conceito neotestamentário de *parakalein*¹⁹.

Missio Dei tem um centro, a morte na cruz e a ressurreição de Cristo, um centro no qual foram colocadas as bases para a reconciliação última entre os seres humanos e Deus, entre seres humanos bem como entre seres humanos e criação, uma reconciliação que a tudo abrange, que põe um fim à inimizade entre Deus e sua criação. Esta oferta de reconciliação da parte de Deus precisa ser aceita e reconhecida, de alguma forma, pelo ser humano, para que ela possa se concretizar na história atual. Em diálogo, cristãos precisam chamar a atenção de seus semelhantes para esta mensagem, no sentido de uma informação (comunicação), mas também de um convite, para que eles se ocupem seriamente com ela. Uma “evangelização” deste tipo deverá incorporar tanto o aspecto gracioso como o crítico-julgador da mensagem. O diálogo aqui proposto será “profético” também no sentido de que ele não encontra apenas anuência e de que, em certos casos, ele não será reconciliador. A cruz é simultaneamente base como empecilho para a reconciliação inter-religiosa. Também a interpretação que Jesus faz da lei, bem como sua prioridade pelos pobres, explorados, pecadores e vítimas do pecado, fracos e doentes na maioria dos casos não se adapta às formas humanas de organização, por mais religiosas (e cristãs) que sejam²⁰.

Uma teologia de missão ecumênica precisa incluir a crítica à religião, não apenas crítica à igreja, à missão cristã, ao capitalismo e à globalização. Se a Conferência Mundial de Missão, em Salvador, na Bahia, em 1996,

18 BEVANS; SCHROEDER, 2004, p. 348-395.

19 Até Mt 28.16-20 mostra como o ressuscitado exerce sua “autoridade” paradoxalmente através do testemunho de discípulos vulneráveis e pacificadores, que vivem em conformidade com as bem-aventuras e o sermão do monte (“tudo o que vos tenho ordenado”, v. 20), i. e., de inclusive irem ao encontro de seus inimigos de forma pacífica, porque eles são portadores da mensagem de Deus decisiva à humanidade.

20 A formulação de que seres humanos são simultaneamente pecadores e vítimas do pecado é de Raymond Fung, um ex-secretário para evangelização do CMI. O amor preferencial de Deus pelos pobres daí derivado (*preferential option for the poor*) hoje é levado adiante na discussão sobre processos de reconciliação, como sendo a tomada de posição primária de Deus em favor das vítimas. Isso se aproxima muito de R. Fung, especialmente ali onde uma linha divisória clara entre seres humanos “autores” e outros seres humanos “vítimas” não é possível de ser estabelecida ou o é somente em parte.

colocou todas as culturas no mesmo nível teológico, isso hoje precisa acontecer no terreno das diferentes religiões (inclusive do cristianismo). Assim como culturas, também religiões são ambivalentes, portadoras de valores e reconhecimentos coerentes com o evangelho e de fatores hostis ao evangelho. Um diálogo profético deveria conseguir colocar as religiões no mesmo nível a partir da solidariedade no contexto da vida. Igreja e cristandade não são atingidas menos pela ambivalência. Simplesmente se trata de uma comunhão real que existe em todo o mundo, e cuja essência é relatar sobre a história do Deus triúno com a humanidade, tentando interpretá-la. Em uma formulação mais radical: a multiplicidade religiosa faz sentido quando a igreja apresenta seu mandato no diálogo profético e a unidade visível do Corpo de Cristo, a comunidade de paz escatológica.

Tanto no contexto do ecumenismo como no do diálogo há perguntas práticas centrais que só podem e só devem ser enfrentadas na convivência e na discussão conjunta. Neste sentido uma mesa ecumênica de negociação mais ampla possível é decisiva para que haja progressos nas duas áreas. Talvez o serviço de reconciliação mais urgente que os cristãos hoje podem prestar seja a busca e a criação de muitos espaços do ecumenismo ampliado para a continuação do trabalho conjunto e um diálogo crítico sobre todas as perguntas que foram levantadas. Esta é a nossa contribuição na busca por um mundo de paz, no qual reconciliação venha a substituir a retribuição²¹.

4 - Olhando para adiante: uma igreja reconciliadora?

É necessária muita coisa para fazer de uma igreja uma comunidade reconciliadora. Em primeiro lugar, me parece que é preciso desenvolver, entre os cristãos, tolerância especialmente no terreno da eclesiologia, tolerância no sentido usado por Paulo em Rm 12-15: a aceitação de que outros (ainda) não têm a mesma compreensão sobre elementos importantes da teologia. Se o assunto é missão como contribuição à reconciliação, a eclesiologia tem um significado importante, porque é nesta área da teologia que se trata da identidade de grupos, especialmente quando igrejas são portadoras de uma determinada cultura. Confissões, especialmente em sua forma eclesial (ritos, ministérios, construções, símbolos, música etc.) são

21 Acho notável como Paul KNITTER destaca que não deveria existir diálogo inter-religioso sem um diálogo intra-religioso. Cf. *Introducing Theologies of Religion*. Maryknoll: Orbis, 2002, especialmente o último capítulo: *An inconclusive conclusion: the need for inter-Christian dialogue, the need for inter-religious cooperation* [uma conclusão parcial: a necessidade de diálogo intra-cristão, a necessidade de cooperação inter-religiosa].

determinantes para muitos cristãos, talvez com exceção àqueles que vivem em culturas pós-modernas. Se cristãos devem contribuir para a convivência de pessoas de diversas identidades, eles são desafiados a comprovar primeiramente a sua competência na tolerância eclesiológica.

Progressos na eclesiologia são decisivos também porque aqui se lida com fatores de poder espiritual (questão do ministério), social (diaconia), político (influência sobre seres humanos), bem como de dinheiro e posse da terra. Identidade, poder e capital estão entre os elementos que mais trazem consigo os conflitos e a carga de violência na convivência entre os seres humanos. Se, pois, missão deve contribuir na reconciliação e para a diminuição da violência, ela precisa exigir tolerância na eclesiologia. (O quanto isso é difícil ficou evidente na comissão especial para a colaboração dos ortodoxos no Conselho Mundial de Igrejas, bem como nos processos de estudos mais recentes de Fé e Ordem.)

“Vem espírito Santo, cura e reconcilia!” Isso equivale a orar no sentido de que Deus convoque novamente, através de seu Espírito, pessoas dentro – bem como fora – da igreja para o serviço de reconciliação e de cura e que agracie de novo a comunidade de Cristo com os dons do Espírito. Nós precisamos de igrejas com os carismas que são decisivos no serviço da paz, da reconciliação e da cura. Muitos deles, já mencionados por Paulo, contribuem na construção da comunidade reconciliadora: liderança (especialmente importante para atuar em direção de um consenso), acompanhamento pastoral (*parakalein*), cura de enfermos²², sabedoria e reconhecimento (especialmente tendo em vista o diálogo), discernimento dos carismas (importante no diálogo interconfessional). Pessoas que são agraciadas assim com carismas serão testemunhas autênticas da presença reconciliadora do crucificado, quando viverem na consciência da própria tentação e vulnerabilidade (cf. 2 Co 12.7-10). É de suma importância para a espiritualidade cristã da reconciliação que justamente a *agape*, o amor, seja considerado o maior dos dons do Espírito, que não pode ser engessado através de classificações ou definições dogmáticas (1 Co 13). *Agape* remete ao centro da exigência ética de Deus (o duplo mandamento do amor) e ao centro da missão “no sentido de Cristo”²³.

22 *International Review of Mission*, caderno temático *Divine Healing, Pentecostalism and Mission*, v. 93, n. 370/371, jul./out. 2004.

23 “Missão no sentido de Cristo” é o título de um capítulo da declaração ecumênica sobre missão e evangelização, que foi elaborada pelo Comitê Central do CMI no ano de 1982, bem como o subtítulo da Conferência Mundial de Missão em Santo Antonio, 1989 (na edição alemã do relatório: “*Mission in der Nachfolge Jesu Christi*” [Missão no discipulado de Jesus Cristo]).

“Vem Espírito Santo, cura a reconcilia” é a oração que Deus, através do espírito do amor, torna dinâmica na ação reconciliadora de Cristo para nós e para todos os âmbitos de nossa vida pessoal e comunitária (Rm 5.5), como base e autorização para o nosso engajamento na construção, na renovação e na multiplicação de comunidades que curam.

Referências

AUF DEM WEG zu einem gemeinsamen Zeugnis. Ein Aufruf zu verantwortlichen Beziehungen in der Mission und einer Absage an Proselytismus. Genebra: ÖRK, 1977.

BEVANS, S. B.; SCHROEDER, R. Constants in Context. A Theology of Mission for Today. Maryknoll/NY: Orbis, 2004.

CULLMANN, O. Einheit durch Vielfalt. Grundlegung und Beitrag zur Diskussion über die Möglichkeiten ihrer Verwirklichung. Tübingen: Mohr, 1986.

ENNS, F. Friedenskirche in der Ökumene. Mennonitische Wurzeln einer Ethik der Gewaltfreiheit. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 2003.

FUNG, R. The Isaiah Vision. An ecumenical strategy for congregational evangelism. Genebra: WCC, 1992.

GUDER, D. L. (Ed.). Missional Church. A Vision for the Sending of the Church in North America. Grand Rapids/MI and Cambridge/UK, 1998.

HEIM, S. M. The Depth of the Riches. A Trinitarian Theology of Religious Ends. Grand Rapids/MI & Cambridge/UK, 2001.

KÄRKKÄINEN, V.-M. Ad ultimum terrae. Evangelization, Proselytism and Common Witness in the Roman Catholic – Pentecostal Dialog (1990-1997). Frankfurt/M: Peter Lang, 1999.

KNITTER, P. Introducing Theologies of Religion. Maryknoll: Orbis, 2002.

INTERNATIONAL Bulletin of Missionary Research, v. 28, n. 1, p. 25, jan. 2004.

INTERNATIONAL Review of Mission, caderno temático Divine Healing, Pentecostalism and Mission, v. 93, n. 370/371, jul./out. 2004.

LES VOIES de l'Unité chrétienne. Paris: Cerf, 1992.

MATTHEY, J. Neutestamentliche Meditation zum Verhältnis von Mission und Dialog, bzw. zur Möglichkeit einer christlichen Theologie der Religionen. In: DEHN, U.; HOCK, K. (Eds.). Jenseits der Festungsmauern. Verstehen und Begegnen. Neuendettelsau: Erlanger Mission, 2003 (FS Olaf Schumann).

MATTHEY, J. Reconciliation, missio Dei and the Church's Mission. In: MELLOR, H.; YATES, T. (Eds.). Mission – Violence and Reconciliation. Sheffield: Cliff College Publishing, 2004.

MISSÃO transformadora: mudança de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2002. 690 p.

SACKS, J. *The Dignity of Difference. How to avoid the clash of civilizations*, London/New York: Continuum, 2002.

SCHÄFER, K. *Konflikte und Versöhnung*. In: SCHÄFER, K. *Anstoss Mission. Impulse aus der Missionstheologie*. Frankfurt/M: Lembeck, 2003.

SCHREITER, R. et al. In: MELLOR; YATES, 2004, *The Theology of Reconciliation and Peacemaking for Mission*, p. 11-28; *The Spirituality of Reconciliation and Peacemaking in Mission Today*, p. 29-43; *Preparing Missionaries to be Agents of Reconciliation and Peacemaking*, p. 45-59.

THEISSEN, G. In: *Die Religion der ersten Christen – Eine Theorie des Urchristentums*. Gütersloh: Kaiser, 2000.

THE NATURE and mission of the church – A stage on the way to a common statement. Geneva: WCC, 2004.

WCC Conference on World Mission and Evangelism. Conference preparatory paper Nr. 4, *Statement on Mission as Reconciliation*, WCC, 2004. Disponível em: <<http://www.mission2005.org>>.

WELTMISSION heute. Hamburgo: EMW, n. 52, 2003.